



LA EXPERIENCIA HUMANA **NARRADA**

*Miradas de invención
en la investigación
en educación*

Prof. Dr. Thiago Henrique Barnabé Corrêa
Profa. Ma. Magda Lucia Vilas-Boas



Narrar la vida; literaturizar la Ciencia

- Cuerpos-sin-organos
- Dudar de las formas ya establecidas de hacer investigación en educación
- Inauguração de novos perspectivas;



Construção dos diários de campo

- Foi bastante utilizado como tendo caráter íntimo, confessional, náutico, acontecimentos históricos e, posteriormente para contribuir com as pesquisas – etnografia
- “...os diários são práticas discursivas. Ou seja, são linguagem em ação, cujos contextos de produção definem o gênero de linguagem a que pertencem e lhes dá conotações específicas: a linguagem intimista dos diários pessoais; a formalidade dos *log books*, a linguagem literária (ou jornalística) dos registros de eventos públicos; o estilo factual dos diários de pesquisa (MEDRADO; SPINK; MELLO, 2014).

Construção dos diários de campo

- Diários de campos são **ATUANTES** **relatos, dúvidas, impressões** = produz-se a própria ação de pesquisar; o **INÉDITO** (o não dito).
- Carto-grafia (grafia de uma comunicação) de intensidades $\neq$ registro de uma mera informação
- Inscreve-se nele a intensidade de nossas impressões; traça-se um mapa de intensidades em um movimento sinuoso de ir e vir às anotações; e é esse processo que nomeamos de pesquisa de Narrativas Ficcionalis (MEDRADO; SPINK; MELLO, 2014. p. 280).

Formas de utilização de diário

1. Diário como atuante – focar nas falas, contexto e na dinâmica = afetações são bem-vindas, sendo antes e/ou depois de um encontro com os interlocutores;
2. Diário como adensamento de análises – não serão o *corpus* de análise, mas irão colorir e dar um toque pessoal às análises; acompanhamento das experiências;
3. Diários que compõem o *corpus* – elemento privilegiado e que demandará organização de catalogação; tese seria uma segunda interpretação do vivido



O QUE SÃO NARRATIVAS FICCIONAIS?!

- “Ficções no sentido de que são ‘algo construído’, ‘algo modelado’ – o sentido original de fictio [que em latim significa formação, criação] – não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento” (GEERTZ, 1989, p. 26).
- ...o que produzimos a partir de nossas anotações em pesquisa são ficções situadas que não têm qualquer compromisso com uma suposta verdade pré-discursiva de fatos, mas que estão amplamente comprometidas com os jogos de interpretações que se desenvolvem e nos quais estamos implicados (HESS, 2009)

- **Campo-tema** “[...] ao relatar, ao conversar, ao buscar mais detalhes, também formamos parte do campo; parte do processo e de seus eventos no tempo (SPINK, 2003. p.25)” e “...redes de causalidade intersubjetiva que se interconectam em vozes, lugares e momentos diferentes, que não são necessariamente conhecidos uns dos outros. Não se trata de uma arena gentil onde cada um fala por vez; ao contrário, é um tumultuado conflituoso de argumentos parciais, de artefatos e materialidades (SPINK, 2008. p. 36)”.
- Neutralidade do autor/pesquisador é refutada = partícipe = posicionamentos políticos sobre o fazer científico;

A poesia é meu diário.
Como todos os diários
também seria secreto,
se nele eu não
desnudasse a alma.

30/07/2025



Se as narrativas dos anônimos são exercícios de ficção, discursos, descrição imaginária ou realista de si e da sociedade, qualquer que seja a definição, elas não diminuem os méritos e **possibilidades pedagógicas, políticas e de produção de conhecimentos e sentidos sobre a sociedade** em que sujeitos vivem e atuam como profissionais e cidadãos (REIGOTA; PRADO, 2008, p. 124).

Não se trata de analisar e interpretar a história de outros, mas na capacidade que possuem de fazer parte da **própria história** atravessando o autor pesquisador com discursos que procuram dar **dimensão e temporalidade humana** para os acontecimentos cotidianos, os quais são **concretos no sentido histórico e social**.
(CORRÊA – encontro gravado em 4/1/22).





NARRATIVAS NO COTIDIANO ESCOLAR

- E estes conhecimentos, entrelaçados com o contexto e a palavra de todas as pessoas que fazem parte do cotidiano escolar transformam-se em “rede de tecitura de conhecimentos” (ALVES, 2015, p. 207).
- Detém, deste processo, dar vida à palavra que “versar com”, isto é, fazer versos, trazer boas novas, poetizar a vida na trajetória vivencial. Poetizar longe de ser algo sem valor ou apenas romântico, pois a poesia é feita de “prosas” dos eventos da vida.



Disponível em: https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/51DH73E7-UL._SX495_BO1,204,203,200_.jpg. Acesso: 8 fev. 2022.

Poesia em 4 tempos - Marina Colasanti

- “**Lembrando de mim**”,
- “**Contando os outros**”,
- “**Olhando a natureza**” e
- “**Pensando o hoje**”.



Fatos, situações, pessoas, emoções e sentimentos do cotidiano.

Transforma os pequenos mistérios do dia a dia, esses temas comuns a todos, em arte.

- **Meu olhar vasculha ao redor, acompanhando os carros no estacionamento de um shopping, pousando-se o olhar num porteiro de prédio.**



Poesia em 4 tempos, Marina Colasanti

- Nas lembranças de infância falou da guerra, para **mostrar que a guerra assola a vida de crianças do mundo inteiro**, em **todos os tempos**, quer seja militar e declarada, como a que vivi, quer seja a guerra de exclusão que vivem hoje nossos jovens brasileiros.
- A poesia é **conhecimento, salvação, poder**, [...]. Operação capaz de **transformar o mundo**, a atividade poética é revolucionária por natureza: [...] é um método de **libertação interior**.
- **A poesia revela este mundo; cria outro. Adquire a consciência de ser algo mais que passagem.** Experiência, sentimento, emoção, intuição, pensamento não-dirigido. [...] **cópia do real, cópia de uma cópia da Ideia**” (Octavio Paz, 1982, p. 15).

- [...] la ‘escuelita’ que se experimenta, se vive y se recrea em el mundo, para ser conocida requiere ser contada, descripta, narrada y documentada em su singularidade sócio-histórica y em su particular transcurrir en el tiempo (SUÁREZ, 2017, p. 194).
- O ato de narrar e ser narrado permanentemente faz com que os **protagonistas atualizam e recriam o sentido da atuação didático-pedagógica**, da escolaridade, reconstruindo **a identidade**, participando do conjunto e, ao mesmo tempo, transmitindo o saber do ofício para tantos outros professores.

GÊNEROS TEXTUAIS

- ◇ Conto de fadas;
- ◇ Fábula;
- ◇ Lenda;
- ◇ Charge
- ◇ Romance;
- ◇ Conto;
- ◇ Piada;
- ◇ Cartum
- ◇ Diário;
- ◇ Autobiografia;

- ◇ Curriculum vitae;
- ◇ Biografia;
- ◇ Artigo de opinião;
- ◇ Carta de leitor;
- ◇ Carta de solicitação;
- ◇ Editorial;
- ◇ Ensaio;
- ◇ Resenhas críticas;
- ◇ Seminário;
- ◇ Conferência;

- ◇ Palestra;
- ◇ Tabela
- ◇ Entrevista
- ◇ E-mail
- ◇ Gráfico
- ◇ Blog
- ◇ Poema
- ◇ Cartaz





Al contar historias, los docentes hablan de sí mismos, de sus sueños, proyecciones y realizaciones, y narrándose cuentan sus saberes de experiência y se desarrollan profesionalmente como docentes (SUÁREZ, 2017, p. 195).



Nilda Alves (2015)

Quatro aspectos necessários para o desenvolvimento das pesquisas nos/dos/com os cotidianos.

Primeiro – O sentimento do mundo

Conhecer os cotidianos escolares exige que esteja disposta a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade, buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário. ... só é possível analisar e começar a entender o cotidiano escolar em suas lógicas, através de um grande mergulho na realidade cotidiana da escola (ALVES, 2015, p. 136).



- Segundo – **Virar de ponta cabeça**

Trabalhar com o cotidiano é se preocupar como aí se tecem em redes os conhecimentos [...], escolher entre as várias teorias à disposição e muitas vezes usar várias, bem como entendê-las não como apoio e verdade, mas como limites, pois permitem ir só até um ponto, que não foi atingido, até aqui pelo menos, afirmando a criatividade no cotidiano (p. 139).

- Terceiro – **Beber em todas as fontes**

[...] ampliação do que é entendido como fonte, discutindo os modos de lidar com a diversidade, a diferença e a heterogeneidade, dos cotidianos e de seus praticantes, tanto quanto suas múltiplas relações. [...] Beber de todas as fontes (p. 136).



- Quarto – **Narrar a vida e literaturizar a ciência**

Há assim, outra escritura a aprender: aquela que talvez se expresse com múltiplas linguagens (de sons, de imagens, de toques, de cheiros, etc.) e que, talvez, não possa mais ser chamada de “escrita”; que não obedeça à linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios; que pergunte muito além de dar respostas; que duvide no próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que construa outra rede de comunicação, que indique, talvez, uma escritafala, uma falaescrita ou uma falaescritafala (p. 145).

- Quinto – “***Eccem Femina***” - (olhar da mulher)

Irá retratar o movimento e existência dos sentimentos dos praticantes que saltam a cada novo acontecimento narrado e que, por várias vezes, a subjetividade de quem investiga não é capaz de refletir. Só será possível compreender aquilo que construímos pela investigação por meio das linguagens dos outros (ALVES, 2008 *apud* ARAÚJO, 2013).

“...o que de fato interessa nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos são as pessoas, os praticantes” (ALVES, 2008. p. 46 *apud* ARAÚJO, 2013).



Foi olhando o horizonte
que percebi que a vida
vai além do que se vê.

Liana Eloiza

“ PENSADOR

Que histórias você quer contar?



*Era
uma
vez...*

¡La poesía es la libertad del alma! (*Andrea Domingues*)

La poesía es un acto de revolución...

Es un arte...

Es una cultura.

Por lo tanto, hay que vivirla.

Compartirla con ética y moral.

Los versos, la poesía es un canto...

es una melodía...

es una revolución

que hay que respetar. (*Sergio Macedo*)



Agradecemos!

Professor Dr. Thiago e Magda





REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Faz bem trabalhar a memória: criação de currículos nos cotidianos, em imagens e narrativas. In: GARCIA, A; OLIVEIRA, I. B. (Orgs.) **Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

ARAÚJO, Márcia. Reflexões que tramam a teoria de Nilda Alves: pensar os cotidianos, produção de sentidos, redes educativas e artefatos nos cotidianos. Revista: **Educação Pública**. [s.v.], [s.n]. 2013. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/13/13/reflexofildees-que-tramam-a-teoria-de-nilda-alves-pensar-os-cotidianos-produccedilatildeo-de-sentidos-redes-educativas-e-artefatos-nos-cotidianos>.

COLASSANTI, Marina. **Poesia em 4 tempos**. São Paulo: Editora Global, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HESS, Remi. **O momento do diário de pesquisa na educação**. Ambiente & Educação, [s.l.], v. 14, p. 61-87, 2009.

MEDRADO, Benedito. SPINK, Mary Jane. MÉLLO, Ricardo Pimentel. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK; BRIGAGAO; NASCIMENTO; CORDEIRO (Orgs.) **A produção de Informação na Pesquisa Social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2014.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SPINK, Mary Jane., LIMA, Helena. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, Mary J. (org.). **Práticas discursivas e produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, p. 93-122, 1999.

SPINK, Peter Kevin. **Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista**. Psicologia & Sociedade, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 18-42, dez. 2003.

SUÁREZ, Daniel H. Relatar la experiencia docente. La documentación narrativa del mundo escolar. **Revista Teias**. v. 18, n. 50. 2017 (ju.-set): Conversas sobre formação de professores: práticas e currículos. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/30500/0>. Acesso em: 2 fev. 2022.